

Contribuições da noção de referenciação para análise da narrativa oral no contexto da atrofia cortical posterior

Caio Mira*
UNISINOS

Katiuscia de Almeida Custódio**
UNISINOS

Recebido em: 18/03/2019

Aceito em: 08/09/2019

Resumo: A Atrofia Cortical Posterior (doravante, ACP) é uma patologia neurodegenerativa que afeta, dentre outras funções, a linguagem. Nesse contexto, o presente trabalho analisa uma narrativa produzida em interação face a face com uma pessoa acometida por essa doença. Como fundamentação teórica e analítica deste trabalho, mobilizaremos as dimensões da narrativa (OCHS; CAPPs, 2001) e a noção de referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003; KOCH, 2002). Os resultados de nossas análises demonstram que as estratégias referenciais e a negociação de objetos de discurso são elementos que constituem, do ponto de vista textual e interativo, a performance narrativa da pessoa acometida pela ACP.

Palavras-chave: Atrofia Cortical Posterior. Patologias de linguagem. Referenciação. Narrativas.

Abstract: Posterior Cortical Atrophy (hereinafter ACP) is a neurodegenerative pathology that affects, among other functions, language. In this context, the present study analyzes a narrative produced in face-to-face interaction with a person affected by this disease. As a theoretical and analytical foundation of this investigation, we will mobilize the narrative dimensions (OCHS, CAPPs, 2001) and the notion of reference (MONDADA; DUBOIS, 2003; KOCH, 2002). The results of our analyzes demonstrate that referential strategies and the negotiation of discourse objects are elements that constitute, from a textual and interactive point of view, the narrative performance of the person affected by the PCA.

Key words: Posterior Cortical Atrophy. Language Pathologies. Reference. Narratives.

Resumen: La Atrofia Cortical posterior (en adelante, ACP) es una patología neurodegenerativa que afecta, entre otras funciones, al lenguaje. En esse contexto, el presente trabajo analiza una narrativa producida en interacción cara a cara con una persona acometida por esa enfermedad. En el caso de las mujeres, la mayoría de las veces, la mayoría de las veces, la mayoría de las veces, Los resultados de nuestros análisis demuestran que las estrategias referenciales y la negociación de objetos de discurso son elementos que constituyen, desde el punto de vista textual e interactivo, la performance narrativa de la persona acometida por la ACP.

Palabras clave: Atrofia Cortical Posterior. Patologías de lenguaje. Referencia. Narrativas.

Introdução



Como citar este artigo: MIRA, C.; CUSTÓDIO, K. A. Contribuições da noção de referenciação para análise da narrativa oral no contexto da atrofia cortical posterior.

Revista Investigações, Recife, V. 32, n. 2, p. 01 - 23, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/240157>. Acesso em xx/xx/xxxx

A Atrofia Cortical Posterior (doravante ACP) é uma patologia neurodegenerativa considerada um subtipo raro da Doença de Alzheimer (doravante DA) devido à similaridade do quadro etiológico de ambas (WANG *et al.*, 2015). A semelhança entre a DA e ACP pode ser comprovada por meio de exame *post mortem* uma vez que apresentam a mesma manifestação morfológica: a presença microscópica de placas senis e emaranhados neurofibrilares. No entanto, alguns fatores diferenciam a DA da ACP, que é reconhecida como uma patologia que apresenta características próprias.

Em relação à localização cerebral, a ACP apresenta as placas senis e os emaranhados neurofibrilares nas áreas de associação visual e nos lobos parietais. No caso da DA, o hipocampo e a área entorrinal são as áreas mais afetadas (CASTRILLÓN; AGUIRRE; LOPERA, 2010). Diante desse quadro morfológico, a ACP caracteriza-se como uma síndrome neurodegenerativa e progressiva que afeta mais incisivamente o processamento visual complexo, tendo maior recorrência na faixa etária de 50 a 60 anos de idade. Comparada à DA, a incidência da ACP atinge uma população com idade menos avançada. As formas de manifestação da ACP são particularmente diferentes devido à área cerebral afetada. Estudos realizados por Caprile *et al.*, (2009) mostraram que os indivíduos com ACP demonstram uma melhor preservação da memória episódica e da área da linguagem, em comparação às pessoas com DA, e uma pior condição nas funções visuoperceptivas, visuoespaciais e práxicas.

Embora ocorram casos nos quais a ACP se manifesta inicialmente com apraxia¹ ou acalculia², o sintoma mais recorrente é a agnosia visual ou visuoespacial³ (SERINO *et al.*, 2014). Em função disso, os sintomas iniciais apresentados por uma pessoa com

¹Apraxia se caracteriza como “um distúrbio na habilidade de realizar um movimento voluntário, sem alteração de força, sensorial, de coordenação ou de compreensão” (CERA, 2010, p. 2). A apraxia pode ser verbal, quando ocasiona prejuízo na capacidade de articular fonemas, ou não verbal, quando não afeta diretamente a articulação de fonemas.

²Dificuldade ou impossibilidade de realizar operações matemáticas elementares.

³Agnosia visual é a incapacidade de reconhecer objetos, pessoas, cores e símbolos gráficos, apesar da ausência de déficits na visão. A pessoa consegue ver o objeto, porém é incapaz de identificá-lo e nomeá-lo. A agnosia visuoespacial caracteriza-se pela negligência da metade esquerda do espaço, por não conseguir identificá-lo (GUSMÃO; CAMPOS; TEIXEIRA, 2007). Segundo Quental (2011), a alteração na função visuoespacial é identificada em atividades que “requerem discriminação visual, análise, julgamento espacial e perceptual” (p. 4). Entre essas atividades incluem-se a leitura, a identificação de forma e cores e na orientação espacial, por exemplo.

ACP incluem dificuldades visuais como reconhecer alguém em determinado ambiente, tendência a perder a direção, desorientação espacial, inabilidade em utilizar objetos, entre outros. Benson, Davis e Snyder (1988) indicam que o quadro sintomático da ACP inclui também distúrbios manifestados na linguagem oral dos pacientes, classificados como afasia sensorial transcortical (MAGNIN *et al.*, 2013). No entanto, poucas pesquisas posteriores se detiveram especificamente sobre as manifestações linguísticas da patologia.

Um dos poucos estudos que investigam de forma aprofundada a linguagem no contexto ACP foi o conduzido por Crutch *et al.* (2013). Os sintomas percebidos pelos pesquisadores em relação à linguagem foram a anomia⁴ e a alteração da fluência fonética associada à falha no acesso lexical. A anomia é frequentemente descrita como um sintoma inicial da ACP, indicando que o déficit na linguagem pode ser um dos primeiros sintomas dessa condição neurológica. Já a memória semântica é afetada mais lentamente em comparação à DA (MAGNIN *et al.*, 2013).

A partir de tal relação de perdas relacionadas à linguagem apontadas na caracterização do quadro neurológico da ACP, o presente trabalho tem como *corpus* de análise interações de uma participante diagnosticada com ACP há cerca de 5 anos. Em nossos dados, é possível observar que a linguagem de nossa participante é marcada por dificuldades de articulação fonológica em início de sílabas, de acesso lexical (anomia), parafasias⁵ semânticas e lexicais e repetição de segmentos vocálicos. Tais déficits linguísticos podem comprometer significativamente a produção do discurso oral, resultando em falas marcadas pela lentidão, repetição e redundância. Esses aspectos da produção linguística no quadro clínico afetam sensivelmente os processos de textualização e de organização do discurso oral. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar a organização textual-interativa de narrativas orais produzidas por uma pessoa acometida pela ACP.

⁴Anomia é a incapacidade em nomear. Pode ser fonológica, quando o indivíduo sabe o significado do objeto a ser nomeado ou semântica, quando o indivíduo não reconhece o significado do objeto. (MARTINS JR. *et al.*, 2017).

⁵Parafasia, basicamente, diz respeito à substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo sujeito) por uma outra ou da troca de um som por outro, podendo variar o grau de semelhança entre o som ou palavra pretendidos e os efetivamente realizados.

Considerando a narrativa como uma atividade discursiva e sociocognitiva que é constituída na interação, optamos por evidenciar o processo de construção conjunta de construção de referentes no discurso. Pretendemos demonstrar como uma pessoa acometida pela Atrofia Cortical Posterior mantém-se como participante ativa nas narrativas produzidas em interações cotidianas e de que forma isso se configura do ponto de vista textual-interativo.

O foco trabalho recai sobre as estratégias de organização interativa e referenciais envolvidas na constituição e manutenção de narrativas orais produzidas por uma pessoa com ACP em situações conversacionais. Com base na noção de referenciação, compreendida como uma atividade sociocognitiva de construção de sentidos, conforme proposto por Mondada e Dubois (2003), as estratégias linguísticas, que emergem em narrativas, demonstram uma forma de produção discursiva em que os interlocutores constroem e interpretam colaborativamente a nossa relação com os outros, sendo que, por meio delas, revelamos nossas crenças, valores e construímos nossas identidades.

Apresentaremos, na próxima seção, a noção de referenciação como um processo de construção textual e discursiva do texto oral. Em seguida, abordaremos a concepção de narrativas de Ochs e Capps (2001) que considera esse tipo de produção discursiva como um fenômeno colaborativo e interacional. Por fim, explicitaremos a metodologia utilizada neste trabalho e demonstraremos, por meio de nossas análises, os elementos referenciais que constituem do ponto de vista textual e interativo uma narrativa produzida por uma pessoa que vive com ACP.

1 O caráter colaborativo da linguagem e a referenciação

Que relação se estabelece entre as palavras e o mundo e como a linguagem pode se referir à realidade? Tais questionamentos provocaram discussões nos diferentes campos teóricos como a Filosofia da Linguagem e a Linguística e suscitaram explicações distintas de duas tendências.

A primeira delas tem uma base cognitivista e segue o pressuposto de que, ao referenciar as palavras às coisas, existe uma relação preexistente, um conceito pré-

definido, ou seja, a linguagem é entendida como uma categorização da experiência (ROSCH, 1975). A concepção de língua para as ciências cognitivistas estabelece uma relação direta entre palavras e objetos. Dessa forma, as performances discursivas podem ser mensuradas, como criticam Dubois e Mondada (2003), de acordo com o grau de correspondência com o mundo.

É importante destacar que, o cognitivismo, em uma perspectiva oposta a defendida por Koch (2004) e Mondada e Dubois (2003) concebe uma conexão língua-mundo objetiva e pré-determinada, concretizada pela relação entre as palavras e os objetos. Assim, ao considerar principalmente os aspectos inatos, internos, individuais e universais do processamento mental, estabelece modelos baseados em "mapeamentos", nos quais objetos ou "entidades" existiriam independentemente de um sujeito.

Por outro lado, a segunda tendência, a perspectiva sociocognitivista desvia o foco de interesse da referência pronta, em que a língua é vista como um espelho do mundo, e baseia-se na premissa de que os objetos do mundo variam de acordo com as percepções dos falantes, construindo-se interacionalmente, como uma atividade cognitiva e social. Compartilhando desse pressuposto, Marcuschi e Koch (2006, p. 381) afirmam que "nosso cérebro não é uma polaroide semântica", reforçando a ideia de que a realidade não é concebida da mesma forma por todas as pessoas, como um retrato da realidade. Na concepção sociocognitivista, a língua é entendida como uma construção social e histórica, e assim sendo, a relação linguagem-mundo não seria fixa, objetiva ou estabelecida *a priori*, mas uma atividade cognitiva-interacional desempenhada pelos sujeitos durante a interação (CUSTÓDIO, 2019), tal como descrevem Mondada e Dubois (2003, p. 273):

As práticas linguísticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

A noção de referenciação designa um processo discursivo e intersubjetivo, no qual os sujeitos negociam versões do mundo, criando referentes entre as possibilidades que a língua oferece, pois:

A referência não se resolve na epistemologia nem na ontologia e sim na ação interativa. Trata-se de uma questão sociocognitiva em que o processo referencial é melhor caracterizado como interativo. A referência poderia ser tida como aquilo que, na atividade discursiva e no enquadre das relações interpessoais, é construído num comum acordo entre os atores sociais envolvidos numa dada tarefa comunicativa (MARCUSCHI, 2001, p. 38).

Se a interação, conforme assevera Marchuschi (2001), constitui o *locus* da construção referencial, é no desenvolvimento da atividade discursiva que emergem os objetos a que o próprio discurso remete. Os referentes não são estanques, mas constituem objetos de discurso que não preexistem naturalmente à atividade cognitiva e interativa dos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – dessa atividade (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995). Os objetos de discurso são constituídos na e pela atividade interativa, sendo dinâmicos e passíveis de serem (re) configurados semântica e discursivamente (MIRA; CARNIN, 2017). Os referentes são gerados no interior do discurso, sendo introduzidos, conduzidos, retomados, identificados no texto, modificando-se à medida em que o discurso se desenvolve, por meio de estratégias específicas de referenciação nas ações coordenadas em que os falantes se engajam para usar a linguagem em suas diversas configurações discursivas (CLARK, 1996; JUBRAN, 2006).

A partir da noção de referenciação, pretendemos evidenciar como se apresenta a materialidade textual e interativa na construção de objetos de discurso de uma narrativa produzida no contexto da Atrofia Cortical Superior. As patologias de linguagem têm se mostrado um *locus* interessante (CRUZ, 2008; HYDÉN, 2018; MIRA, 2016, 2019; MORATO, 2012; OLIVEIRA; BASTOS, 2012) para a discussão das estratégias de produção de sentido mobilizadas no ato de contar histórias no interior dos quadros de déficits linguístico-cognitivos. Isso torna instigante o olhar sobre as narrativas por colocar em foco o trabalho interacional de uma pessoa acometida pela ACP na produção da história e dos elementos que são fundamentais nesse tipo de produção discursiva: ação, personagens, tempo e relevância da narrativa no contexto da interação.

2 A narrativa sob a perspectiva interacional

Contar histórias consiste em uma das atividades inerentes à existência humana desde a infância. Por meio do ato de contar de histórias, reinterpretamos o nosso dia a dia, desde situações mais triviais às mais inusitadas, seja com intuito de exemplificar, entreter ou argumentar, entre outras possibilidades (FLANNERY, 2011).

Considerando a ubiquidade e o significado do fenômeno narrativo em nosso cotidiano, compreendemos que o ato de contar histórias é uma atividade essencialmente interativa. Ao contarmos uma história, não apenas nos comunicamos, mas, sobretudo, agimos no mundo em interação com os sujeitos com os quais estabelecemos relações. A respeito dessa ação conjunta, Clark (1996, p. 346) afirma que um exame mais atento da narrativa revela que “essas histórias são parte integrante da conversa, com a audiência participando tanto quanto narradores⁶”.

Segundo Ochs e Capps (2001), a narrativa oral pode ser definida como uma atividade que emerge na interação e por meio da qual as pessoas realizam “a função essencial da narrativa pessoal – expressar, sondar e, de outra forma, tentar reconstruir e dar sentido às experiências de vida reais e possíveis⁷” (p.7). As autoras denominam esse tipo de narrativa como *Living Narrative*, que compreende as histórias negociadas dentro da interação sem um roteiro estabelecido, diferentemente de narrativas essencialmente monológicas, conforme estrutura definida pelo modelo canônico de Labov e Waletzky (1967). De acordo com essa proposta interacional, diferentes atos e gêneros do discurso podem surgir e, por isso, é difícil estabelecer uma estrutura fixa que as narrativas devem apresentar. Portanto, as autoras concebem um modelo a partir de *dimensões*, que variam em intensidade na interação, conforme demonstra o quadro abaixo:

Tabela 1 - Dimensões da narrativa e possibilidades

Dimensões	Possibilidades	
Narração	Um narrador ativo	→ Múltiplos co-narradores ativos
Historiabilidade	Alta	→ Baixa
Encaixe	Isolada	→ Encaixada
Linearidade	Ordem causal e temporal finalizada	→ Ordem causal e temporal aberta
Postura moral	Determinada, constante	→ Indeterminada, fluida

Fonte: OCHS & CAPPS (2001, p. 20)

⁶Tradução livre do trecho: “On closer examination, I am not. These stories are part and parcel of the conversation, with the audience participating as much as the narrators. They are extended joint projects that require coordination and joint commitment”.

⁷Tradução livre do trecho: “In this manner, conversational interaction realizes the essential function of personal narrative - to air, to probe, and otherwise attempt to reconstruct and make sense of actual and possible life experiences”.

Conforme observado no quadro, as dimensões demonstram uma ideia de *continuum* o que justifica a escolha das autoras por observar as narrativas por meio da sua flexibilidade interacional. Dessa forma, as dimensões são componentes que podem ser observados e analisados em narrativas coconstruídas e cotidianas.

O primeiro deles, a *narração (tellership)* diz respeito ao envolvimento demonstrado pelos interlocutores, posicionando-se narrador ativo e ouvintes ou como múltiplos conarradores. Tal dimensão estabelece a narrativa como uma atividade social, na qual os indivíduos se posicionam como narradores mais ou menos ativos. A *historiabilidade (tellability)* determina a relevância de um evento ser ou não narrado, levando-se em consideração a atenção da audiência e a garantia do conhecimento compartilhado na interação. Em outras palavras, a historiabilidade determina se a narrativa é passível de ser sustentada ou relevante em determinada situação comunicativa. Essa dimensão está diretamente relacionada ao *encaixe (embeddedness)*, que justifica o engajamento da atividade narrativa na atividade social-discursiva em andamento, servindo como uma justificativa, uma argumentação ou criando um foco de interesse, entre outras possibilidades. Tais narrativas, interacionalmente situadas, revelam a *linearidade (linearity)* flexível, podendo ser aberta ou fechada, demonstrando eventos longos ou situações mais curtas, não-lineares ou em uma progressão temporal. Por fim, dimensão da *postura moral (moral stance)*, reflete as avaliações “a respeito de”, julgando o comportamento moralmente adequado aos valores sociais vigentes em um grupo social. Muitas vezes os personagens da história narrada são utilizados em oposição uns aos outros ou em divergências para fim de demonstrar um conjunto de valores sociais.

Ochs e Capps (2001) concebem as dimensões em função da amplitude da atividade narrativa, que pode se modificar de acordo com a situação na qual ocorre e com as intenções dos participantes, servindo a inúmeros propósitos. As narrativas, que emergem nas práticas cotidianas de uso da linguagem, revelam que os falantes relacionam diferentes contextos, inserindo a história com propósito planejado no curso da interação e articulando várias “camadas” e “cenários” de conhecimento de mundo compartilhado (CLARK, 1996). Considerando as dimensões da narrativa, postulamos que a referenciação desempenha o papel de construção de sentidos negociados entre

os falantes, dentro da atividade narrativa, sendo um fenômeno semântico e discursivo imbricado ao ato de contar histórias.

3 Metodologia e contexto dos dados

O presente estudo qualitativo e interpretativista é amparado pelo quadro teórico-metodológico da Análise da Conversação (MARCUSCHI, 1986), de perspectiva textual-interativa, que “examina os princípios gerais de constituição do texto falado, mas dá um passo a mais na análise dos textos, ao considerar esses procedimentos no âmbito da construção do processo de interação entre falantes” (LEITE *et al.*, 2010, p. 52).

Em uma perspectiva interdisciplinar, unimos ao quadro teórico da Análise da Conversação, os estudos das narrativas orais, baseando nossas análises nas dimensões da narrativa conforme proposto por Ochs e Capps (2001) e na concepção de uma narrativa conversacional, ou seja, coconstruída com o interlocutor durante a interação face a face, e na noção de referenciação, enquanto atividade sociocognitiva de coconstrução de referentes, conforme proposto por Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995) e Mondada e Dubois (2003).

Os dados que constituem nosso *corpus* de pesquisa são provenientes de encontros gravados entre um pesquisador presente na geração de dados, identificado nas transcrições como Fábio, e Joana (ambos nomes fictícios), uma senhora de 70 anos diagnosticada com ACP há cerca de 5 anos. A participante com ACP é bilíngue e possui um alto grau de letramento, tendo atuado profissionalmente ao longo de sua vida como professora universitária de língua inglesa. Atualmente, é acompanhada por cuidadoras que a ajudam nas atividades diárias.

Ciente do seu diagnóstico, Joana recebe o apoio, além das cuidadoras, de familiares mais próximos, a fim de desempenhar a maioria de suas atividades cotidianas. A partir de detalhes fornecidos pelos familiares sobre o convívio diário, do acompanhamento neurológico de Joana e da observação dos dados, a produção linguística da participante apresenta as características anteriormente descritas na introdução. Em sua fala, Joana realiza algumas estratégias textuais-interativas para lidar com as dificuldades ocasionadas pela doença.

As dificuldades de acesso lexical, que afetam o processamento dos turnos e de informações durante a interação, são contornadas por categorizações, construções sinonímicas, parentetizações tópicas, perífrases e pela evocação de *frames*. As hesitações e as ocorrências de parafasias são reconhecidas por Joana, que recorre a estratégias metadiscursivas, demonstrando uma atitude reflexiva em relação às formas de uso da linguagem e de construções discursivas que emergem na interação. Também não são raros os momentos em que Joana recorre ao interlocutor promovendo o andamento⁸ na interação (HYDÉN, 2018), que se constitui como uma importante estratégia de construção conjunta de referentes e de conhecimentos que devem ser compartilhados durante a interação.

Em nossas análises temos o intuito de demonstrar a organização das narrativas da participante a partir do modelo de dimensões proposto por Ochs e Capps (2001) e das estratégias referenciais mobilizadas na construção de objetos de discurso dos elementos da história. Utilizamos estas categorias analíticas para demonstrar a constituição interacional das dimensões da *narração*, *historiabilidade*, *encaixe*, *linearidade*, e *postura moral* na narrativa produzida por Joana. Para demonstrar as formas de organização da narrativa como texto oral, recorreremos às estratégias de construção de objetos de discurso, por meio da referenciação, que Joana realiza para constituir as dimensões da narrativa frente aos seus déficits de linguagem.

Do ponto de vista interacional, os encontros, que acontecem na residência da participante, se configuram como uma entrevista sem roteiro preestabelecido, como em uma conversa informal. Geralmente, os encontros são iniciados a partir de comentários de fatos do cotidiano ou de relatos de Joana a respeito de suas atividades cotidianas, de viagens ou visitas aos familiares e de sua antiga rotina de trabalho como professora. Frequentemente, o tópico que abre os encontros é inserido por Joana a partir da discussão de algum fato de sua rotina ou comentários a partir de materiais pré-selecionados por ela (jornais, álbuns de fotos ou textos em inglês). É neste

⁸Hydén (2018) utiliza o termo “andamento” (*scaffolding*) para explicar o papel interacional do interlocutor com uma pessoa acometida por este tipo de patologia. Andamento, termo mais comumente utilizado em um quadro relacionado à aprendizagem, no presente contexto consiste na atitude do interlocutor sem a patologia que oferecerá o apoio interacional necessário a fim de facilitar a interação, estabelecendo significados conjuntos.

contexto que surgem as narrativas, as quais vão sendo inseridas no decorrer dos encontros que evocam situações de conversas cotidianas.

Os encontros foram gravados em meio audiovisual, constituindo aproximadamente 18 horas de gravação. O critério de escolha dos dados foi a ocorrência significativa de narrativa, pois essa tipologia do texto oral é uma das ações mais frequentes desempenhadas por Joana no transcorrer das interações. Escolhemos uma narrativa produzida durante um encontro por ser representativa em termos de estrutura interacional do *corpus* de dados gravados.

O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações utilizadas por Marcuschi (1986) e adaptadas por Custódio (2019). A identidade e o anonimato da participante foram preservados durante todo o processo de coleta e transcrição de dados, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado (TCLE)⁹.

4 Análise de dados

Joana fez muitas viagens ao longo de sua vida e guarda lembranças desses momentos em pastas e álbuns. Dentre essas viagens, Joana morou cerca de dois meses em Chicago, onde participou de um curso de aprimoramento profissional por três semanas. A narrativa que selecionamos para uma análise no presente artigo trata de uma dessas histórias de período em que ela morou nessa cidade.

No dado em questão, a participante mostra ao pesquisador uma pasta na qual guarda um caderno da Universidade de Chicago, do curso de formação profissional que participou na ocasião em que atuava como professora de língua inglesa. Na dúvida entre guardar tal material por inteiro ou apenas retirar as partes mais importantes, ela mostra os textos a Fábio e solicita a ajuda para decidir o que fazer com a pasta. Durante a interação, o pesquisador lê as informações em inglês contidas no material e, algumas vezes, faz alguns questionamentos. É nesse momento que Joana inicia a narrativa transcrita abaixo.

⁹Essa pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) conforme o processo nº 15/191.

Excerto 1:

- 451 FÁBIO tá... "Las Vegas Film Festival"
 452 JOANA Joana: ah... a gente foi um...
 453 FÁBIO vocês foram para Las Vegas ou era um evento?
 454 JOANA não... a gente viu um filme
 455 FÁBIO ah:... "Viva Las Vegas"
 456 JOANA isso
 457 FÁBIO olha... com *Elvis Presley... and Bugsy*
 458 JOANA *Bugsy*?
 459 FÁBIO é... o outro filme é *Bugsy*
 460 JOANA ah:...
 461 FÁBIO "um filme sobre monstros... dinheiro... poder e a
 462 mudança geográfica e a corrupção na América"... pensa que
 463 tem corrupção só aqui?
 464 JOANA não... não... eu sei... mas eu achei legal... isso que eu

 465 te digo... eles mostraram tudo que tinha... de bom e de ruim...
 466 FÁBIO uhum...
 467 JOANA não era assim... (avi... só ova...) ovação... não era
 468 FÁBIO e:... e a coisa ruim... que que mais te marcou? Que
 469 você... ah... tô nos Estados Unidos e...
 470 JOANA a:...o... ((pausa longa)) ai... meu Deus... como é que eu
 471 vou dizer...o:...quando tu fica:... eu não tô achando a
 472 palavra...
 473 FÁBIO eu te ajudo...
 474 JOANA tá... é... quando... raça
 475 FÁBIO segregação racial
 476 JOANA [segregação de todos os tipos entende...]

A partir do comentário de Fábio na linha 462-3 (*pensa que tem corrupção só aqui*), Joana começa a explicar por que considerou seu curso tão bom. Na linha seguinte, a participante utiliza o dêitico *isso* que faz remissão catafórica ao enunciado da linha 465 (*tudo de bom e de ruim*). O pronome dêitico *isso* exerce a função de um indicador catafórico, que antecipa o conteúdo informacional sobre os aspectos positivos e negativos da cultura norte-americana.

Nas linhas 470-1, após o questionamento de Fábio, Joana demonstra claramente uma dificuldade de acesso lexical. Os enunciados (*como é que eu vou dizer* e *eu não tô achando a palavra*) revelam uma atitude metadiscursiva durante a interação. Nesse momento, Joana estabelece uma pausa no discurso e no desenvolvimento do tópico e se detém sobre a construção do discurso oral. Esse movimento exemplifica a ocorrência da metadiscursividade, ou seja, momentos que a própria atividade discursiva tem como foco o discurso (JUBRAN, 2003). De acordo com Morato (2005), a

metadiscursividade representa um indício da competência comunicativa dos sujeitos, revelando níveis de consciência perante a atividade enunciativa e o funcionamento da língua. A metadiscursividade, no caso da participante desse estudo, integra três âmbitos da atividade discursiva: a solicitação de colaboração do interlocutor, a preocupação com o conteúdo informacional e a autorreflexividade sobre a língua.

Diante dessa ocorrência, Fábio estabelece uma atitude colaborativa na construção do referente. Na linha 473, Joana insere o item lexical *raça*, remetendo ao enquadre instituído no co(n)texto da interação (TANNEN; WALLAT, 1987). Na sequência, o pesquisador insere o novo referente *segregação racial*, que Joana recategoriza como *segregação de todos os tipos* e utilizando a narrativa a seguir como uma forma de contextualizar como seria tal segregação com situações observadas por ela na viagem. Faz-se necessário salientar que o papel colaborativo do interlocutor (linhas 473 e 475) exerce uma grande relevância na progressão tópica e na superação da dificuldade ocasionada pela doença durante a interação.

Excerto 2:

477 FÁBIO mas mesmo aqui em 98 quando você foi... tinha? a segregação
478 racial?
479 JOANA não... tu vê... por exemplo... eu visitei... ó... sul
480 FÁBIO [não...
481 JOANA do... do... de Chicago...
482 FÁBIO não o sul... o sul de Chicago...
483 JOANA sul do Chicago... já tu vê o tipo de pessoa que mora ali
484 são mais humildes...o centro... mais rico entende? nós fomos
485 pra uma fazenda... a gente conheceu muitas coisas entende
486 então agora por exemplo lá em Chicago quase todas as pessoas
487 que atendavam atendiam a gente na: na: nos... assim...
488 nos restaurantes tudo e tudo era da raça negra entende
489 e a gente eu sempre falava pedia tãrãrã falava((SI))
490 de repente perguntavam de onde que era eu dizia do Brasil
491 "ah: Brasil... maravilhoso..." todo mundo achava o Brasil
492 maravilhoso eu dizia não é bem assim... entende...

493 todo lugar tem coisas difíceis mas tu vê assim
494 como é que as pessoas... ann:...reagem...
495 tu vê que tem umas pessoas que tão a fim de falar
496 e outras são... ((faz gesto)) entende... não são a fim
497 mas eu senti o nosso professor tinha um professor negro
498 que era o professor de:... de: assuntos relacionados com a
499 política BAH...esse foi um espetáculo... e ele era negro sabe?

Durante a interação, o tópico discursivo vigente era a viagem a Chicago. Quando Fábio questiona se mesmo naquela época ainda havia segregação racial (linha 477), Joana, por meio da expressão *por exemplo*, remete cataforicamente à narrativa na qual expressa situações vivenciadas por ela, como argumento de que ainda havia segregação racial nos Estados Unidos. Durante essa história curta, Joana narra as cenas da viagem, que embasam sua resposta e servem como uma estratégia de progressão tópica na instauração do subtópico *os aspectos negativos* que inclui *a segregação racial*.

Esse novo subtópico desencadeia o surgimento da narrativa nesse ponto da interação e demonstra a segunda dimensão apontada por Ochs e Capps (2001), a *historiabilidade*. A atividade narrativa traz experiências pessoais relevantes de serem narradas em relação ao tópico vigente, além de apontar para o *encaixe* (terceira dimensão), visto que a narrativa sobre a segregação racial está atrelada ao enunciado de Fábio (linha 477). Ao se referir às questões de segregação racial observadas em Chicago, Joana categoriza como *mais humildes* as pessoas que vivem no sul; e como *mais rico* as pessoas da área central da cidade (linha 484), estabelecendo esses objetos de discurso na interação.

Nas linhas 486-7, exemplificando novamente a situação de segregação racial, Joana afirma que a maioria das pessoas que atendiam no comércio eram *da raça negra*. A nominalização além de recategorizar os *trabalhadores*, age encapsulando a ideia de que a segregação racial acontece também no fato de determinados empregos serem ocupados por negros no contexto da segregação racial norte-americana. Na sequência, Joana utiliza o discurso reportado para reconstruir a imagem que as pessoas têm do Brasil no exterior, mais especificamente das pessoas que vivem nesse contexto de marginalização social ao dizer *ah: Brasil... maravilhoso*.

Na sequência, nas linhas 492-3, Joana reporta sua própria fala (*não é bem assim... entende... todo lugar tem coisas difíceis*) evidenciando seu posicionamento crítico em relação ao quadro social observado nos Estados Unidos. A partir da linha 498, Joana inicia uma nova narrativa *encaixada* no tópico segregação racial, mas que também funciona como uma retomada *do que o curso teve de positivo*. A nova narrativa introduz o novo referente *o nosso professor*, que constitui o subtópico *aspectos positivos* do curso.

Se a primeira narrativa sobre o passeio ao sul de Chicago carrega a *historiabilidade* pertinente à pergunta realizada pelo pesquisador, a segunda narrativa, que está encaixada à primeira, retoma o tópico central da interação, que versava sobre o curso realizado em Chicago. Por meio dessa narrativa curta sobre o professor negro, Joana retoma o subtópico *aspectos positivos do curso* conforme pode ser observado nas linhas 464-5, dando credibilidade à sua avaliação sobre o curso (*não era assim... ovação...*), ou seja, o curso abordava criticamente a cultura do país.

Em relação à quarta dimensão da narrativa – a *linearidade* – podemos observar que a narrativa apresentada por Joana evidencia uma ordem temporal e causal fluída. À medida que vai se recordando de situações vividas, Joana acrescenta esses fatos a sua narrativa. Na segunda narrativa, ao se referir ao professor com quem teve aula, na linha 497, ela introduz o referente *o nosso professor*, sendo imediatamente recategorizado como *professor negro* e *professor de assuntos relacionados com a política* (linha 498). Essas rotulações agem diretamente na reportabilidade da narrativa, instaurando a importância da história e realizando a sequência dos eventos.

A repetição da linha 499 acentua quão produtiva foi a experiência de aula sobre política com um professor negro no contexto estadunidense, ou seja, a repetição atua como uma anáfora indireta, retomando informações presentes no co(n)texto como a segregação racial. O professor teria experiências pessoais únicas e importantes, de acordo com a sociedade na qual vive e, além disso, por sua formação, uniria isso ao *know how* para falar sobre os assuntos relacionados à política, o que justifica por meio da retomada (*esse foi um espetáculo*) que recategoriza o referente *professor negro*.

No excerto 2, observamos que Joana usa o hiperônimo *segregação racial* e para alcançar a especificidade do hipônimo *professor negro*. Isso promove o realinhamento do tópico discursivo e, conseqüentemente, da narrativa.

Excerto 3:

- 501 FÁBIO uhum...
- 502 JOANA e naquela vez... ann:... acho que não tava ainda...
- 503 FÁBIO o Barack Obama? o... George Bush?
- 504 JOANA não... era era aquele...
- 505 FÁBIO o primeiro mandato...
- 506 JOANA é... e nós fomos pro:... nós fomo a...
- 507 FÁBIO era o Bill Clinton ainda?
- 508 JOANA eu acho que era... é... eu acho que era o Clinton...
- 509 ai eu não lembro dez anos... já faz mais de dez anos...
- 510 FÁBIO é... faz mais de dez anos...
- 511 JOANA acho que era o Clinton... não me lembro...bom... enfim
- 512 essas... esses assuntos assim eram bem bem mexidos... entende
- 513 foram bem interessantes... assim pra gente tomar uma
- 514 tomada do que que era né foi a gente foi na cosa branca
- 515 Casa Branca a gente foi no senado principal aquele...
- 516 ((faz gesto))nós fomos em Washington entende...
-
- 517 então fomos entrar no senado aquelas coisas todas falamos com:
- 518 com:... senadores que nos apresentaram bah... ((ri))foi
- 519 foi uma um passeio e tanto entende e assim não é que seja
- 520 um passeio é que
- 521 FÁBIO não... mas eu entendo... vejo... eu tenho a ideia de que foi
- 522 um curso mais de de imersão na cultura norte-americana
- 523 JOANA [uhum... uhum...uhumm
- 524 FÁBIO tanto os aspectos positivos quanto os negativos do que
- 525 JOANA [isso
- 526 FÁBIO necessariamente só um curso de aprimoramento da língua
- 527 JOANA não: não: a língua lá era só pra falar tudo entende pra
- 528 gente falar mas foi muito interessante pra conhecer mais o país
- 529 entende foi muito bom a gente foi pro sul ó tu vai vê
- 530 ((aponta para o material)) a gente vai vê vai vamo
- 531 continuando ali mais ou menos pra até onde ... nós fomos...
- 532 nós vivemos... nós vimos os índios entendeu?
-
- 533 FÁBIO ah é?
- 534 JOANA nós conversamos com eles fomo onde eles (maravam) moravam
- 535 ((faz sinal para o pesquisador continuar lendo))

Na linha 502, Joana faz uma pausa momentânea na narrativa para situar a situação política dos eventos narrados ao tempo presente da interação. Não recordando quem era o presidente na época, Joana utiliza o marcador discursivo *enfim* (linha 511) que constitui estratégia metaenunciativa, que influi na movimentação do tópico, dando prosseguimento à narrativa. Após elencar outros aspectos considerados positivos em sua viagem, na linha 519, Joana realiza a nominalização *um passeio e tanto*, categorizando a experiência narrada e utiliza novamente uma estratégia metaformativa (KOCH, 2004) de correção dos enunciados nas linhas 519-520. Nesse segmento, o enunciado (*assim não é que seja um passeio*) é uma recategorização do

referente *passeio*. Prontamente, na linha 521, Fábio concorda com Joana estabelecendo uma interpretação alinhada ao propósito de dizer da participante e, novamente, estabelecendo uma atitude colaborativa.

É importante ressaltar que, em relação à primeira dimensão, a *narração*, Joana coloca-se como uma narradora ativa, mantendo o turno conversacional e acionando o interlocutor a fim de colaborar quando necessário ou manifestar sua compreensão sobre o que disse. Em relação à última dimensão, a *postura moral* é evidenciada por Joana durante a narrativa. Esse aspecto pode ser observado mais especificamente tanto na sua fala reportada na linha 493 (*todo lugar tem coisas difíceis mas tu vê assim*), ao afirmar que todo país tem coisas difíceis, deixando transparecer sua visão crítica sobre os problemas sociais presentes no Brasil e nos Estados Unidos. Em relação à dimensão da *narração* (OCHS; CAPPS, 2001), consideramos que ela está diretamente relacionada ao caráter colaborativo da linguagem e da interação, principalmente no contexto de nossos dados. Além de contribuir para a progressão da interação, a participação ativa do pesquisador conduz a *narração* com envolvimento alto.

Apesar de a narrativa estar relacionada a uma experiência vivida por Joana, a colaboração de Fábio é fundamental, oferecendo suporte, fazendo perguntas e demonstrando interesse, atuando no processo de coconstrução das narrativas cotidianas, conforme preconizado por Ochs e Capps (2001). A atitude colaborativa do interlocutor é importante em qualquer interação. No entanto, no contexto dos nossos dados, a colaboração e o andaimento oferecidos pelo pesquisador refletem sua atenção e interesse naquilo que Joana narra, participando do processo de construção de sentidos conjuntamente e superando eventuais dificuldades.

No terceiro excerto, podemos identificar esse processo de colaboração ao negociar sentidos, conforme pode ser observado no segmento 501-511, onde os interlocutores constroem a referente *presidente dos Estados Unidos*. Ainda nesse segmento, Joana recategoriza a viagem como não sendo apenas um passeio, justificando seu ponto de vista e certificando se Fábio compreendeu sua interpretação (linhas 521-2; 524; 526). Acreditamos que esses movimentos no excerto 3 exemplificam a importância da criação de “andaimes” na interação com a pessoa com ACP.

Considerações finais

Nossas análises demonstram que, mesmo tratando-se de um contexto de déficits linguísticos ocasionados pela ACP, o caráter colaborativo próprio da linguagem (CLARK, 1996) se evidencia por meio de estratégias textuais e interacionais que possibilitam o desenvolvimento de narrativas que emergem no fluxo da conversação. As análises aqui apresentadas revelam que as narrativas de Joana: orientam o interlocutor para o que será contado, encaixam-se dentro de um tópico discursivo da interação, apresentam ações que se desenrolam linearmente e, acima de tudo, são colaborativamente construídas entres os interlocutores.

As histórias narradas expressam a atividade sociointeracional de Joana transitando entre o *aqui e agora* da interação, assumindo uma proposta discursiva seja de argumentar ou defender seu ponto de vista, e o mundo da história ao relatar fatos, situações e utilizar personagens para narrar experiências passadas. (OLIVEIRA; BASTOS, 2012). As estratégias de referenciação mostradas em nossos dados são diferenciadas por serem mais coconstruídas com o andamento do interlocutor em função da lentidão de alguns momentos de fala marcados por pausas extensas, repetições e hesitações na construção de determinados itens lexicais e dos turnos conversacionais.

Ao construir os elementos da narrativa e dos referentes da história, a participante realiza atividades metadiscursivas sobre as formas de processamento do discurso. Isso pode ser observado, por exemplo, nas situações de ocorrência de parafasias ou de anomia, onde Joana enuncia a palavra-alvo, por meio de aproximações fonológicas, relações de sinonímia ou perífrases, como em “raça” para segregação racial, “Cosa Branca” para Casa Branca e “maravam” para moravam. Além disso, o andamento, ou seja, o apoio do interlocutor para o desenvolvimento do objeto de discurso é uma característica recorrente na produção linguística de Joana. Isso pode ser observado nos turnos em que ela repete ou repara seus enunciados e pergunta ao interlocutor se sua fala faz sentido. Dessa forma, ela consegue constituir os aspectos elementares da narrativa e sustentar o desenvolvimento da história ao longo da interação.

A justificativa para integrar a noção de referenciação a uma abordagem eminentemente interacional da narrativa oral encontra amparo na tentativa de desenvolver um empreendimento analítico que considere a materialidade textual-interativa que molda o ato de contar histórias nas interações. O intuito das análises dos excertos selecionados foi de explicitar as formas de construção de objetos de discurso em um contexto nas narrativas produzidas em uma situação de conversa cotidiana. A especificidade desse tipo de dado conversacional nos permite tecer algumas considerações pertinentes em relação às práticas conversacionais no terreno de uma patologia de linguagem e ao campo dos estudos da narrativa oral e da Análise da Conversação de orientação textual-interativa.

Os trabalhos desenvolvidos nesses dois campos oferecem um arcabouço teórico-metodológico profícuo para a análise de narrativas orais. Essa possibilidade de diálogo interdisciplinar abre oportunidades para as investigações da materialidade da constituição do texto oral envolvidas no ato de narrar. A narrativa analisada neste trabalho pretende ser uma forma inicial de demonstração empírica para aproximação desses campos em um contexto bastante peculiar que é a ACP. E, nesse sentido, a noção de referenciação pode contribuir produtivamente para os estudos da narrativa oral no campo de estudos da linguagem.

Ao analisarmos as estratégias referenciais colocadas em jogo em uma narrativa produzida por uma pessoa acometida pela ACP, temos a possibilidade de evidenciar que a relação entre linguagem, cognição e interação é mantida em um contexto de déficits linguísticos e cognitivos ocasionados por uma condição neurológica degenerativa como a ACP. A construção referencial empreendida por Joana evidencia os mecanismos textuais e interacionais utilizados para inserir, sustentar e manter uma narrativa.

Os dados também demonstram que não há ausência ou presença incipiente dos elementos que constituem a narrativa como um texto oral, mesmo havendo formas diferenciadas de inserção e construção de objetos de discurso no universo narrado. Diferenciadas não no sentido de serem totalmente alteradas ou deturpadas pelo quadro de perdas cognitivas e linguísticas desencadeado pela ACP, mas sim por apresentarem estratégias compensatórias e de andamento que possibilitam que as

narrativas, inseridas no contexto da interação, sejam construídas e mantidas colaborativamente.

Ainda que de forma limitada a um contexto interacional específico, este artigo demonstrou as estratégias colaborativas e compensatórias que pessoas como Joana lançam mão para se manter como uma voz ativa nas interações em que contam a própria história ou (re)constroem eventos e fatos do cotidiano (HYDÉN, 2011), o que pode contribuir para a diminuição do estigma social que envolve o convívio com pessoas diagnosticadas com doenças neurodegenerativas.

Referências

- APOTHÉLOZ; D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. *Tranel (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)*, v. 23, 1995, p. 227-271.
- BENSON, D. F., DAVIS, R. J.; SNYDER, B. D. Posterior Cortical Atrophy. *Archives of Neurology*, v. 45, 1988, p. 789-793.
- CAPRILE, C. *et al.* Atrofia Cortical Posterior. Perfil neuropsicológico y diferencias con la enfermedad de Alzheimer típica. *Revista de Neurología*, v. 48, n. 4, 2009, p. 178-182.
- CASTRILLÓN, J. C.; AGUIRRE, D.C.; LOPERA, F. Perfil clínico y cognitivo de la atrofia cortical posterior y sus diferencias con la enfermedad de Alzheimer esporádica tardía y familiar precoz. *Acta Neurológica Colombiana*, v. 26, n. 2, 2010, p. 75-86.
- CERA, M. L. *Apraxia de fala e apraxia não-verbal na doença de Alzheimer*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.
- CLARK, H. C. *Using Language*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- CRUTCH, S. J., *et al.* The language profile of Posterior Cortical Atrophy. *Journal of Neurology, Neurosurgery and Psychiatry*, v. 84 n. 4, 2013, p. 460-466.
- CRUZ, F. M. *Linguagem, interação e cognição na Doença de Alzheimer*. 2008. 318 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.
- CUSTODIO, K. A. “*Como é que vou dizer...*”: a coconstrução de sentidos nas narrativas orais de uma pessoa com atrofia cortical posterior. 2019. 116f. Dissertação (Mestre em

Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019.

FLANNERY, M. R. S. Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral. *Letras de Hoje*, v. 46 n. 1, 2011, p. 112-119.

GUSMÃO, S. S.; CAMPOS, G. B.; TEIXEIRA, A. L. *Exame Neurológico: Bases anatomofuncionais*. Rio de Janeiro: Revinter, 2007.

HYDÉN, L. C. Narrative collaboration and scaffolding in dementia. *Journal of Aging Studies*, v. 25 n. 4, 2011, p. 339-347.

_____. *Entangled Narratives: collaborative storytelling and re-imagining of dementia*. New York: Oxford University Press, 2018.

JUBRAN, C. C. A. S. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 44, 2003, p. 93-103.

_____. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006.

KOCH, I. G. V. Linguagem e Cognição: reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas*, Revista de Estudos Linguísticos, v. 6, n. 1, 2002, p. 29-42.

_____. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. *The Journal of Narrative and Life History*, v. 7, n. 1-4, 1967, p. 3-38.

LEITE, M. Q., et al. A Análise da Conversação no Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. In: LEITE, M. Q.; BENTES, A. C. (Org.). *Linguística de Texto e Análise da Conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. (p. 49-87). São Paulo: Cortez Editora, 2010.

MAGNIN, E. et al. Logopenic syndrome in posterior cortical atrophy. *Journal of Neurology*, v. 260, 2013, p. 260-533.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 217-258, 2001.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

MARTINS JR., et al. *Semiologia Neurológica*. Rio de Janeiro: Revinter, 2017.

MIRA, C. C. R. A construção de objetos de discurso nas práticas conversacionais de um grupo de convivência de afásicos. *Revista Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 1131-1146, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1984-8412.2016v13n2p1131>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

_____. Como é que a gente diz? uma análise das estratégias textual-interativas na narrativa de uma pessoa com Doença de Alzheimer. *Ling. (dis)curso*, Tubarão, v. 19, n. 3, p. 419-433, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-190304-7818>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

_____; CARNIN, A. Histórias sobre o convívio com a Doença de Alzheimer: contribuições da noção de referenciação para a análise de narrativas no contexto de interações de um Grupo de Apoio. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 1, p.157-174, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648426>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

MONDADA; L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., & CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MORATO, E. M. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 45-54, 2012.

OCHS, E.; CAPPS, L. *Living Narrative: creating lives in everyday storytelling*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

OLIVEIRA, L. M. de; BASTOS, L. C. Aspectos da dinâmica interacional da narração de histórias por pessoas com afasia. *Calidoscópico*, v. 10, n. 2, 2012, p. 194-210.

QUENTAL, N. B. M. *Funções visuoespaciais na doença de Alzheimer de intensidade leve* - uso de bateria VOSP (*Visual Object and Space Perception*) em nosso meio. 2011. 75 f.

Dissertação (Mestrado em Psicobiologia). Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology, General*, v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975.

SERINO, J. *et al.* Atrofia Cortical Posterior – uma possível causa para as queixas visuais. *Revista Oftalmologia*, v. 38, 2014, p. 219-222.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Interaction Frames and Knowledge Schemas in Interaction: Examples from a Medical Examination/Interview. *Social Psychology Quarterly*, v. 50, 1987, p. 205-217.

WANG, X-D. *et al.* A pilot study on clinical and neuroimaging characteristics of Chinese Posterior Cortical Atrophy: comparison with typical Alzheimer's Disease. *PLOS ONE*, v. 10, n. 8, 2015, p. 1-12.

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

** Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.